

O tempo e as infâncias

Time and childhood

Amanda da Motta Baptista é especialista em Gestão Pedagógica e Formação em Educação Infantil pelo Instituto Superior de Ensino Vera Cruz. Graduada em Pedagogia pela USP, é professora de Educação Infantil do Colégio Rainha da Paz.

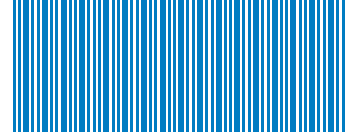
Contato: amanda.dmb@hotmail.com

Resumo

Presente em nossas vidas, o tempo é uma produção social que assume diferentes compreensões ao longo dos séculos, das sociedades e das experiências que as pessoas estabelecem com ele. Vivemos em uma aceleração da vivência temporal que teve, e ainda tem, contribuição das revoluções políticas, tecnológicas, industriais e econômicas, constituindo um estilo de vida moderno fundamentado na urgência e na eficiência, e influenciando ritmos biológicos e sociais. Dentro disso, onde está a criança? Este texto tem por objetivo refletir sobre o tempo das infâncias, principalmente dos grandes e médios centros urbanos, e como a escola de Educação Infantil acolhe e trabalha com esse tempo. Trata-se de um convite à reflexão e contribuição para uma educação mais humana e respeitosa com todas as infâncias. Palavras-chave: Tempo. Criança. Escola. Educação Infantil.

Abstract

Present in our lives, time is a social invention which undertakes different understandings throughout the centuries, the societies, and the experiences that people establish with it. We live in an acceleration of the temporal experience that suffered, and still suffers, the influence of the political, technological, industrial and economic revolutions, constituting a modern lifestyle based on urgency and efficiency, and influencing biological and social rhythms.



Within this context, where is the child? This paper aims at reflecting on the time of childhood, especially in large and medium-sized urban areas, and how the Early Childhood School receives and works with this time. It is an invitation to reflect and to contribute with a more humane and respectful education to all children.

Keywords: Time. Child. School. Early Childhood Education.

Introdução

O tempo cronológico acelerado é um valor social hoje imposto e cobrado de todas as pessoas. Vivemos sob a pressão que o tempo coloca em nossos ritmos de vida, plenos de grande quantidade de afazeres, compromissos e informações. Vivemos sob a pressão do tempo como moeda valiosa com imposição para trabalhar, produzir e para consumir. Vivemos nosso dia a dia pensando no passado, no que aconteceu e em nossos arrependimentos, e pensando no futuro, no que desejamos que aconteça e em nossas expectativas. Vivemos ansiosos e com pressa, antecipando todas nossas ações e suas consequências, e antecipando tudo aquilo que está por vir (se é que algum dia virá). E o tempo presente, quando o vivemos? A cada dia que passa, temos a impressão de que o tempo está mais veloz. Sem dúvida, a vida moderna e capitalista influencia nossas sensações, sentimentos e nossos cotidianos, e influencia na naturalização desse ritmo frenético que levamos atualmente.

As infâncias são construídas histórico e culturalmente e estão em contínua transformação. Como parte da sociedade, elas absorvem certos valores, e o tempo acelerado é um deles. Quantas vezes escutamos na escola falas como estas: “vamos, rápido”, “você ainda está fazendo isso”, “você ainda não terminou” ou “sempre você por último”? Além dessas, há aquelas no âmbito familiar, seguidas de certo orgulho, por exemplo: “meu filho nem engatinhou e já está andando” ou “meu filho tem 4 anos e já sabe escrever”. O pensamento competitivo e o desejo do sucesso acadêmico e profissional não estão presentes apenas no mundo adulto, mas também na formação e educação das crianças, fazendo com que apressemos seus processos de aprendizagem e desenvolvimento, ocultando os sérios problemas que isso pode acarretar para elas, inclusive quando adultas.

Os tempos, as pessoas e as sociedades mudaram. O mundo muda cada vez mais rápido. E a escola? Para qual direção a educação de crianças de primeira infância está indo? Nesse sentido, o presente texto é um convite à reflexão sobre o tempo,



sobre o tempo das crianças – principalmente dos grandes e médios centros urbanos – e sobre o trabalho da escola de Educação Infantil, considerando se esta acolhe e respeita o tempo da criança ou apresenta propostas preparatórias, voltadas para o futuro. Além disso, o texto tem a intenção de contribuir com o pensamento e a difusão de uma educação que seja mais humana e respeitosa com as infâncias e com a formação das crianças.

Tempo: o que é isso?

Muitos teóricos procuram responder a questões relacionadas ao tempo de diversas formas, e muitas áreas do conhecimento se debruçam sobre o estudo do tema e a importância de pensarmos cuidadosamente sobre a influência do tempo em nossos ciclos biológicos e sociais, e sobre nossa organização enquanto sujeitos e sociedade. O tempo não pode ser percebido pelos nossos sentidos (ELIAS, 1998): não o vemos, não o ouvimos, não o tocamos e, por conseguinte, não o compreendemos. O tempo tem diferentes percepções, pois é algo construído culturalmente, historicamente e entre gerações, a partir das diferentes relações que as pessoas possuem com este. Afinal, o que é tempo?

Uma das definições de tempo pelo dicionário Mini Houaiss (2010) é um período contínuo e indefinido no qual os eventos se sucedem e criam no homem a noção de passado, presente e futuro. Quando realizamos alguma atividade no presente, as ideias e pensamentos estão no passado. As lembranças de momentos do passado estão no presente. Não podemos viver o futuro, apenas o imaginamos no presente. Sendo assim, quanto tempo dura o presente? O presente não é um dia, uma hora, um minuto ou até mesmo um segundo, é um instante, mas o que seria esse instante? O presente pode ser imediatamente experimentado e o passado pode ser recordado. O futuro é uma incógnita do que possa ou não acontecer; além disso, o fluxo do tempo parece seguir sempre nessa direção. Elias (1998) afirma que as noções de passado, presente e futuro são sempre em referência aos seres humanos do momento e que essas três concepções estão em constante evolução.

Por que, geralmente, temos a sensação de que o tempo passa mais rápido quanto mais velhos ficamos? A expressão “o tempo voa” a cada dia parece fazer mais sentido, já que o tempo se mostra insuficiente, muitas vezes. Contudo as horas, minutos e segundos são exatamente os mesmos. O que muda então, provocando-nos essa impressão? O modo como estamos usando



e vivendo o tempo influencia nessas sensações? Podemos medir o tempo de alguma forma, mas como medir algo que não sentimos?

Há um tempo que se baseia na rotação da Terra, que provoca esse movimento aparente da esfera celeste, e que se baseia na posição das estrelas: o tempo sideral. Esse movimento varia um pouco e por isso temos também o dia solar, que é baseado na quantidade de tempo que a Terra leva para fazer uma única rotação sobre o seu eixo, que também é bastante variada¹. Antigamente, media-se o tempo por meio do movimento do Sol, da Lua, das estrelas e do mar. Elias (1998) aborda os estudos de Galileu Galilei sobre a medição do tempo no qual este utilizava um dos meios mais simples de que os seres humanos dispõem para determinar o tempo, que é a própria pulsação. Quando as pessoas consideram que esses processos naturais, como o ritmo da maré, o nascer e pôr do Sol e da Lua, ou a própria pulsação, são imprecisos demais para servir às finalidades que lhes destinam, elas criam padrões de medidas mais exatos e confiáveis (ELIAS, 1998). Assim é o caso dos relógios e calendários elaborados durante séculos pelos seres humanos a fim de que sejam padrões de medidas e referências de processos e comportamentos sociais e físicos em certas sociedades.

Não importa qual seja a unidade medidora do tempo, esta sempre transmitirá alguma mensagem. Ao marcar 13 horas, o relógio não apenas informa que horas são, mas carrega significados, transmite avisos para membros de uma sociedade e regulam os comportamentos desse grupo. A mesma coisa acontece com os calendários. Essas noções de tempo mostram sucessões de eventos, informações, ações e mudanças das sociedades, bem como trajetórias de vidas individuais. Além disso, os relógios e calendários são instrumentos de controle e regulação das funções e atividades humanas.

Os relógios medem o tempo ou eles apenas medem as horas do dia? Segundo Elias (1998), “[...] os relógios ocupam um lugar eletivo dentre os dispositivos destinados a representar o tempo, mas não são o tempo” (p. 15). O relógio é um meio de orientação indispensável para realizarmos nossas atividades humanas. Se cada pessoa inventasse seus próprios segundos, minutos e horas, o relógio perderia sua função. É essa uma das formas de poder opressivo que o tempo exerce sobre os indivíduos, pois estes são sempre obrigados a pautar seus comportamentos no tempo instaurado pelo grupo a qual pertence (ELIAS, 1998).

O relógio mudou a forma como os seres humanos se relacionavam com o tempo. Não vivemos mais nosso relógio

1. Informações retiradas e adaptadas do site do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/~fatima/fis2016/tempo/tempo.htm>. Acesso em: 5 jun. 2016.



biológico, pois colocamos o relógio social à frente deste. Nós nos organizamos a partir do tempo instituído socialmente. Antigamente, acordávamos com o nascer do Sol e repousávamos ao anoitecer; porém, atualmente, não há diferença entre o dia e a noite. Trabalhamos, por exemplo, durante o período da manhã e da tarde, mas se quisermos podemos continuar durante a noite e até de madrugada em nossas casas ou escritórios, e isso acontece porque vivemos em uma sociedade que clama por urgência e rapidez.

O calendário é um instrumento que foi alterado e aperfeiçoado muitas vezes até que apresentasse a atual forma que conhecemos e que é usada no mundo todo, praticamente. Por causa do calendário é possível determinarmos a idade das pessoas e das sociedades, a duração de processos individuais e sociais, suas fases e épocas. É possível também saber quando começa e termina o ano letivo das escolas e faculdades, quando se tem férias laborais, quais são as datas comemorativas, feriados e aniversário, além de ser possível marcar compromissos e estabelecer prazos. Nas sociedades mais complexas, o conjunto dos símbolos do calendário torna-se indispensável à regulamentação das relações humanas (ELIAS, 1998).

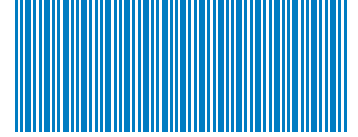
Com a evolução da sociedade e com o avanço das tecnologias, se algo acontece no Brasil, moradores da Austrália, no outro lado do mundo, por exemplo, saberão na mesma hora. Há uma velocidade de comunicação muito grande, pois eliminamos as barreiras espaciais que possuíamos e com isso o tempo tornou-se instantâneo e simultâneo. Nossas percepções, pensamentos e as transformações nas sociedades também foram aceleradas com esse processo, o que nos exige certo poder de adequação. Por vezes não sabemos agir diante do bombardeio de informações que recebemos diariamente e diante de tanta pressa e prontidão que o mundo nos exige, e isso pode vir a causar sensações de desorientação, insegurança, frustração e ansiedade.

O nosso vício² nas tecnologias afetou nosso tempo de atenção. Muitas vezes, começamos uma tarefa, mudamos nosso foco para as muitas informações, mensagens e *e-mails* que recebemos diariamente, e acabamos por não terminar a atividade que estávamos fazendo, pois somos constantemente interrompidos. Há certo prestígio em ser imensamente conectado e incessantemente comunicativo em nossa atual sociedade. O resultado disso é que não nos concentramos e estamos cansados, pois desperdiçamos nossa energia em coisas geralmente desnecessárias; e não nos desligamos, pois a sociedade atual funciona em uma cultura

2. Em sua dissertação de mestrado intitulada *O impacto do uso de mídias digitais na qualidade de vida do adolescente* (2014), Fernanda Alves Davidoff Cruz, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), realizou uma pesquisa com 264 estudantes entre 13 e 17 anos de idade de escolas privadas e públicas a fim de verificar a dependência tecnológica. Entre eles, 68% sofriam de dependência moderada em relação às tecnologias atuais (como *smartphones*, *tablets* e *internet*), e 20% enquadravam-se como dependentes graves. Disponível em: <http://www.unifesp.br/educacao-atual-entreteses/item/2208-jovens-desenvolvem-dependencia-de-redes-virtuais>. Acesso em: 29 out. 2017.

Um grupo de pesquisa “Delete” do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Ipub-UFRJ) realiza estudos acerca da nomofobia que é o medo de ficar sem o celular. Um de seus levantamentos (2014) aponta que 68% de todos os participantes relataram algum nível de dependência de seus celulares. Disponível em: <https://ufrj.br/noticia/2015/10/22/nomofobia-o-medo-de-ficar-sem-celular> e http://docs.wixstatic.com/ugd/f20276_0d15b9fc2bd84f51adedd84fa5d77319.pdf. Acesso em: 29 out. 2017.

O Grupo de Estudos sobre Adições Tecnológicas (GEAT) coordenado por Daniel Tornaim



“24 horas ligada”. Uma vez que está mais difícil focar e prestar atenção no que estamos fazendo, conseqüentemente está custoso pensar profundamente sobre algo, questionar, discutir, refletir, criticar e usar a criatividade. A *internet* permite a circulação e a obtenção de informações muito rapidamente e de forma ilimitada, lemos e ouvimos um pouco de tudo; no entanto, frequentemente não vamos a fundo em nada e, assim, pouco apreendemos. As notícias são cada vez mais fragmentadas e sintetizadas. Há uma dependência de usarmos os computadores e a *internet* para mediar nossos entendimentos de mundo. Parece que nós sabemos muito, porém o tempo da informação que estamos vivendo atualmente é enganoso, pois informação não é conhecimento. Temos um tempo vazio com muitas informações, ações sem sentido e um tempo que impede conexões significativas entre os acontecimentos (LARROSA-BONDÍA, 2002).

O avanço das tecnologias transformou a nossa relação com o tempo, bem como modificou nossas relações humanas que podem começar e terminar com muita rapidez. A comunicação ficou veloz, porém menos profunda. Relacionamo-nos virtualmente, pois são vínculos mais fáceis, menos arriscados e que exigem menos esforço. Podemos nos conectar e desconectar quando queremos e quando achamos conveniente. Com a *internet*, criamos relacionamentos flexíveis e vulneráveis, visto que podem ser rompidos de forma simples e rápida. Uma das conseqüências é a dificuldade de manter relações duradouras, de construir laços e de engajar-se em elos humanos, amorosos e familiares. Quanto mais nos aproximamos e usamos o mundo virtual para nos conectarmos, menos desenvolvemos habilidades que outro tipo de proximidade, não virtual, exige. Dessa forma, “essas habilidades caem em desuso – são esquecidas, nem chegam a ser aprendidas, são evitadas ou a elas se recorre, se isso chega a acontecer, com relutância. Seu desenvolvimento, se requerido, pode apresentar um desafio incômodo, talvez até insuperável” (BAUMAN, 2004, p. 84). Com isso, cada vez mais observamos o uso e o encanto pelas proximidades virtuais, e um exemplo disso é que não temos um momento do dia sem nossos celulares: trabalho, estudo, lazer e até nos momentos de descanso estamos com esses meios de comunicação ao nosso lado. Com eles nunca estamos fora ou longe, já que são ilimitadas as listas de contatos, as mensagens e *e-mails* que podemos enviar. Assim, não tem grande importância se algumas conexões se tenham mostrado frágeis e passíveis de ruptura (BAUMAN, 2004), há sempre mais pessoas disponíveis do outro lado.

Spritzer, mestre em Psiquiatria pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, surgiu da necessidade de tentar compreender como o crescente uso da *internet* e dos jogos eletrônicos influenciavam a saúde mental e física de crianças e adolescentes. Segundo o grupo, o campo de estudo em dependência de tecnologia é recente, trazendo muitas indefinições sobre o assunto. Além disto, a velocidade com que as tecnologias evoluem e a maior participação destas em nossas vidas dificultam o estabelecimento de critérios diagnósticos que sejam úteis e confiáveis. Contudo, a dependência de tecnologia é um fenômeno global e estima-se que 5% dos jovens que usam redes sociais ou jogos *onlines* possam ter algum problema decorrente do seu uso. Disponível em: <http://dependenciatecnologia.org/>. Acesso em: 21 jan. 2018.

Além disso, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) na seção III inclui o transtorno do jogo pela *internet*, indicando que são necessários mais estudos sobre o campo. Disponível em: <http://aempreendedora.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2018.



Tendo em vista esse contexto apresentado acima, desde crianças aprendemos e operamos em função dos símbolos reguladores temporais utilizados em nossa sociedade como se fossem algo próprio da natureza humana. São símbolos tão adequados à realidade que fica bastante difícil discerni-los dela, além de ser difícil imaginar que existam outros seres humanos isentos da necessidade constante de se situarem no tempo (ELIAS, 1998). Podemos não compreender o tempo, mas utilizamos as mais diversas expressões para nos referir a ele: tempo vazio, tempo perdido, correr atrás do tempo, desperdício de tempo, estar sem tempo; difícil conseguir imaginar uma vida sem o tempo. Assim, desde que nascemos estamos inseridos em um processo disciplinador que, com o passar dos anos, fica cada vez mais forte e presente.

Para Elias (1998), a experiência humana do que chamamos de tempo modificou-se ao longo do passado e continua a se modificar em nossos dias atuais. Assim, é possível que com as transformações das sociedades, e com as construções e desconstruções de conceitos, surjam novas compreensões. Quais são as outras ideias que existem acerca do tempo?

Chrónos, Kairós e Aión³

Podemos recorrer e resgatar os mitos para compreender e interpretar diferentes complexidades dos seres humanos, de sua existência e do mundo, inclusive a do tempo. Assim, a mitologia grega – escolha para este texto – pode ajudar em relação a isso.

Os antigos gregos possuíam três palavras para definir e compreender o tempo. A primeira palavra proposta para este tópico é Chrónos. Ele, na mitologia grega, é o filho caçula de Urano e Gaia (representações do céu e da terra, respectivamente), da primeira geração de titãs, e é a personificação de um tempo com medida, cronológico e sequencial. É um movimento linear com começo, meio e fim. Além disso, é um tempo irrecuperável, incorrigível, controlado e finito. Para nós, é o tempo dos relógios e dos calendários, o qual é igual para todos. É um tempo que nos regula, nos controla e nos escraviza.

Nossa sociedade atual tem um apego grande ao Chrónos. Acordamos e a primeira coisa que fazemos é olhar para o relógio ou celular, procurando saber a hora. Assim, o relógio nos dá as coordenadas, dizendo se podemos nos arrumar com calma ou se devemos nos acelerar para irmos ao trabalho, à escola ou à faculdade. O relógio também nos dá as coordenadas se podemos

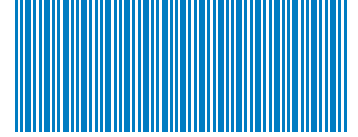
3. Optei por utilizar a escrita destas três palavras conforme Walter Omar Kohan emprega.



dirigir e caminhar tranquilos, ou se temos que acelerar o carro e os passos. Contamos as horas para não chegarmos atrasados. Chegando ao nosso destino, o tempo nos exige responsabilidades de nos atentar a compromissos e vencer os prazos de entregas de relatórios e trabalhos. Contamos as horas para dar conta de realizar tudo que temos que fazer. No fim do dia, esse mesmo relógio nos dá ordens de voltarmos para casa e nos traz a preocupação se haverá trânsito ou transporte coletivo abarrotado. Contamos as horas para chegar a nossas casas. Ao terminar nossas tarefas e preparar nossos pertences para o dia seguinte, nos deitamos em nossas camas. Contamos as horas de sono que teremos. Assim, o relógio na parede, na cabeceira, no celular, no canto da tela do computador e nos nossos próprios punhos nos acompanha e dá ritmo para nossos cotidianos. O relógio e o calendário parecem nos seguir com a intenção de que não fiquemos para trás ou até mesmo com a intenção de não nos fazer sentir perdedores e inferiores em relação ao tempo que corre lá fora. É uma forma de nos disciplinar, à qual é impossível escapar (ELIAS, 1998).

Outra palavra de origem grega é Kairós. Na mitologia, Kairós era um atlético jovem que transitava em uma velocidade acelerada e era o filho mais novo de Zeus e neto de Chrónos. Porém, ao contrário deste último, simbolizava um tempo pessoal e subjetivo. Em Chrónos, os segundos são os mesmos para todos; já os movimentos em Kairós não são iguais, um minuto pode ser bastante diferente do outro. É o tempo da ocasião adequada e do momento único, é um instante e uma oportunidade. Certa sabedoria e prontidão nos são exigidas, pois não podemos ser displicentes e demorarmos a agir senão Kairós passa e então não conseguimos encontrá-lo, tornando-se impossível trazê-lo de volta.

A terceira palavra grega proposta para este tópico é Aión. O tempo da eternidade, da intensidade, da duração e da imensurabilidade. Kohan (2004) menciona o filósofo pré-socrático Heráclito e seu fragmento 52, o qual diz que “aión é uma criança que brinca (literalmente, ‘crianças’), seu reino é o de uma criança” (pp. 54-55). O autor, diante desse fragmento, sugere que o tempo da vida não são apenas movimentos numerados e que esse outro modo temporal assemelha-se ao que uma criança faz, ou seja, se um tempo segue os números, o outro brinca com os números (KOHAN, 2004). Não existe um tempo Aión que seja isento de qualidades infantis e não existe criança que seja independente das possibilidades que o tempo Aión comporta. A criança, assim, não pode ser Chrónos e não pode ser Kairós. Ela não é sucessão



e limite, nem é volatilidade e oportunidade. Ela não está presa a sequências e nem a interrupções. Ela é eternidade, simplesmente. Enquanto as crianças reinam em Aión, os adultos governam em Chrónos e esperam por um alento de Kairós.

A eternidade é a criança quando brinca, sempre por completa e inteira quando o faz, pois para ela a brincadeira é levada a sério e extrapola as questões de tempo e espaço, é aqui e agora. Para ela, a vida é vivida enquanto ela acontece, pois tudo é importante e não há tempo a perder. A criança é o eterno e apenas ela consegue sê-lo. Diante disso, há clareza de que uma criança que brinca não está inserida no tempo Chrónos. Sendo assim, qual a nossa intenção, enquanto adultos, em delimitar certo tempo para brincar? Por que nós, enquanto escola, estabelecemos minutos de brincadeiras contados nos ponteiros do relógio? Agindo dessa forma, podemos acabar com a capacidade de exploração, criação e construção das crianças.

Como estamos construindo nossas infâncias em relação ao tempo? Para qual desses três damos valor e importância no desenvolvimento das crianças?

O tempo e a criança

Tendo os conceitos gregos como referência, a criança abre instantes de eternidade (Aión) e está em um tempo que é impossível de medir e cronometrar. Ela está em um tempo da intensidade e da imensurabilidade. O tempo dela é individual e é uma característica muito específica de cada uma, já que cada criança é única. Além disso, é diferente do tempo cronológico, pois ela não percebe o mundo igual ao adulto. Dessa maneira, como podemos compreender o tempo das infâncias?

As crianças, quando brincam, representam o mundo em que vivem por meio das situações criadas de forma participativa e ativa, abrindo espaço para a criatividade, invenção, construção e produção de novos conhecimentos, interpretações e significados. Elas possuem tempo para delicadezas, levezas e tranquilidades. Elas se encantam pelo simples e pelos detalhes, pela chuva, pela areia escorrendo pelas mãos e pela gota escorrendo pelas folhas. As crianças quando brincam estão totalmente entregues, além de se desconectarem da realidade, do tempo cronológico, da produção e do ritmo do capital, ao qual nós, adultos, parecemos estar presos. As brincadeiras abrem espaço para o inesperado e para o imprevisível, para aquilo que não foi programado e que não



pode ser controlado. As crianças sabem abraçar os instantes de oportunidades, e a brincadeira é a possibilidade de viver somente o tempo presente; assim, não há outro tempo para a criança estar ao brincar a não ser em Aión. Estar no tempo presente pensando no tempo futuro é exclusividade dos adultos, pois não sabemos desfrutar dos momentos que vêm com o tempo.

Há diferentes temporalidades da brincadeira: o tempo que acontece e o tempo da continuidade. Nas suas experiências, as crianças exigem continuidade, já que precisam de um tempo para criar e para produzir. Por isso, por exemplo, em um contexto escolar, elas não querem ir embora ou não querem faltar, pois elas precisam dar continuidade para aquilo que estavam produzindo, retomar o que começaram, construir e desconstruir o que estavam fazendo. Essa continuidade, esse tempo de ir e voltar, promove uma maior exploração e investigação por parte das crianças, enriquecendo suas experiências.

Não podemos mensurar o tempo necessário para elas poderem viver e reviver, criar e recriar suas brincadeiras e experiências, pois o tempo das infâncias é o tempo eterno de Aión. As crianças têm envolvimento em suas brincadeiras, causando a sensação de não ter fim. Esse fim nós, adultos, é que instituímos e, enquanto escola, frequentemente o professor ou a professora é quem coloca fim nas atividades das crianças. Estamos promovendo tempo e continuidade como condições primordiais para as experiências delas?

As crianças são únicas, assim como suas brincadeiras, experiências e momentos também são. Se as crianças não tiverem tempo para criar, investigar e experimentar enquanto são crianças, quando o farão? Se as crianças não brincarem enquanto são crianças, não farão isso quando adultas. O que tem de ser vivido na infância deve ser vivido na infância, pois esse tempo é único e não volta.

A sociedade no tempo da criança: família e escola

O modo de vida moderno influencia na aceleração dos nossos ciclos biológicos e sociais, na pressão dos nossos ritmos de vida e na percepção de naturalidade diante disto. Tendo em vista esse contexto, nós, os adultos, não damos a devida atenção ao que as crianças são, ao que querem e ao que precisam. Esquecemo-nos de olhar para a situação em que a criança se encontra no momento e focamos apenas na nossa expectativa e no nosso desejo do



que ela poderá vir a ser. Com essa postura, quebramos valiosos processos, descobertas e aprendizagens das crianças. Isso acontece porque também somos reféns de uma sociedade na qual tudo é fugaz; sendo assim, é necessária uma mudança dos adultos para que possam enxergar e lidar com as crianças de maneira diferente.

Por que não permitir que a criança cresça, brinque, aprenda e se desenvolva em seu próprio tempo? O adulto, geralmente, se sente perdido em relação ao tempo e não quer que a criança também se sinta desse jeito. O adulto quer que a criança seja mais veloz e aproveite mais as oportunidades do que ele. Quanto mais rápido ela adquirir e aprender certas habilidades que julgamos importantes, melhor, assim a criança “ganha tempo”.

A partir disso, temos o seguinte cenário: os adultos vivem com pressa e sob pressão; têm expectativas e preocupações em relação à formação de uma família e à decisão de ter filhos; cobram alguns aspectos dessas crianças, que muitas vezes não têm o interesse delas; e assumem seus lugares, pensam e definem situações e até futuro para elas, mesmo sabendo o quanto é perverso um bebê nascer com uma história já anunciada que não abre possibilidades e espaços para escolhas. Assim, algumas possíveis consequências são desencadear a sensação de “eu não dou conta” e acarretar ansiedade e medo perante o novo, o desconhecido e perante as descobertas, diminuindo a autonomia e proatividade das crianças, pois elas receiam cometer erros e nunca alcançarem as elevadas expectativas das famílias e da própria sociedade.

Podemos afirmar que atualmente o tempo livre das infâncias é capturado pelos adultos, que impõem às crianças uma agenda lotada em que quase não sobra espaço para mais nada na vida delas. Nos centros urbanos médios e grandes, até no contraturno da escola, as crianças têm diversos afazeres formais que se repetem todos os dias da mesma maneira. Assim, vemos uma agenda imposta para as crianças como sinônimo de qualidade de vida ou felicidade. O crescente desejo de que seus filhos tenham êxito escolar e sucesso profissional ronda muitas famílias desde muito cedo, sendo traduzido em forma de aulas de reforço das disciplinas escolares, aprendizagem de outros idiomas, de instrumentos musicais, além do engajamento em atividade de esportes e outras julgadas como importantes pelos pais. Desse modo, se estabelece uma rotina de executivos para as crianças, tentando ocupar qualquer tempo que ainda pareça livre, pois também há uma preocupação com o possível tédio delas e há um esquecimento do ócio que pode ser criativo. Geralmente,



não as consultamos anteriormente sobre essas atividades, pois acreditamos que estas sejam uma ótima oportunidade de desenvolverem diversas competências e habilidades, e estarem mais bem preparadas para o futuro nesse mundo competitivo.

Dado isso, e retomando as referências dos conceitos gregos, temos a presença obsessiva de Chrónos no controle da vida das crianças, que se tornam escravas do relógio para o cumprimento rigoroso das tarefas que ocupam com intensidade crescente seus cotidianos e têm seus tempos prisioneiros ao dos adultos (NÍDIO, 2012). Com isso, encaixamos as crianças em cronogramas e agendas que muitas vezes não fazem sentido para elas e não fazem parte de suas realidades. Assim como os adultos, as crianças também ligam o modo automático para diversas atividades e deveres que lhes são impostos e, no fim, o que constatamos são crianças cansadas e distraídas. Dessa forma, dizer que uma escola oferece ou dizer que uma criança realiza tais atividades, como informática, inglês, balé, judô, natação e assim por diante, não a faz boa ou melhor. Com isso, não se trata de afirmar que as atividades que as crianças fazem, além da própria escola, que frequentemente acontecem no contraturno desta, têm apenas lado negativo, mas que saibamos ponderar suas quantidades e saibamos aprender a escutar o que as crianças querem e, principalmente, do que elas precisam.

Com isso, surge outra questão: a superestimulação das crianças e dos bebês, ou seja, o excesso de estímulos que oferecemos para eles e que pode não ser uma vantagem em seus processos de desenvolvimento. A superestimulação é uma forma de negarmos o tempo presente e vivermos o tempo futuro, focando na obtenção de resultados e produzindo infâncias abreviadas. Não se pretende negar os estímulos aos bebês e crianças, mas refletir o quão saudável eles são e aprender a dosá-los. Colocar as crianças e os bebês no ritmo da produção e do capital é aniquilar as infâncias e todas as suas potências e possibilidades de criação e de descoberta. Eles precisam de tempo para tornar o mundo como seu, para estarem nele e construírem significados. A intenção não é renunciar a qualquer relação da criança com o seu futuro, o propósito é trazer a ideia de que ter uma história já definida e narrada por um adulto com diversas atividades estabelecidas visando à obtenção de resultados positivos, que ainda estão por vir, nos âmbitos escolar e profissional, bem como a ideia de ter uma aceleração das infâncias com responsabilidades e estimulações em excesso, pode ser prejudicial à vida das crianças de uma forma geral.



Quando não respeitamos o tempo da criança, quando não permitimos que brinque e se movimente livremente e quando tentamos apressar os processos relacionados ao desenvolvimento e crescimento dela, há uma série de problemas que podem ser desencadeados nessa etapa e também na vida adulta. Cada criança é única e, conseqüentemente, pensa e vive o tempo de uma forma, e tem o seu próprio tempo para brincar e criar, para investigar e experimentar, para crescer e se desenvolver. Quando os adultos compreendem e agem de acordo com isso, há um respeito profundo pelo que a criança é, pelo que ela sente e pelo que ela precisa, neste exato momento.

A nossa relação com o tempo e os diversos encadeamentos que este traz para nossas vidas esbarram inevitavelmente na educação. As escolas, os professores e professoras estão imersos nesse contexto de viver seguindo o ritmo do capital e influenciados pela rapidez e pela eficiência. Duas palavras que se tornaram valores em nossa sociedade atual, que naturalizaram nossa percepção do tempo dessa forma e que fragmentam o trabalho. A escola, como mais um aparato da sociedade, também reproduz isso: vários professores e disciplinas, conteúdos fracionados que, por vezes, não fazem sentido para a vida dos estudantes, diversas metas a serem cumpridas, e o foco concentrado principalmente nos resultados e nos produtos finais. Dessa maneira, rapidez e eficiência são princípios que baseiam a criação de escolas, inclusive as de Educação Infantil.

Atualmente, onde a escola deposita prioritariamente seus valores? Em uma criança de 6 anos, por exemplo, que saiba ler, escrever e contar, ou em uma criança que saiba brincar e se relacionar com seus pares? Desse modo, quando nos referimos à educação, as expectativas também são grandes. Uma das conseqüências disso é considerar a educação nas escolas como preparatória, ou seja, a Educação Infantil importante para o Ensino Fundamental. O Ensino Fundamental necessário para o Ensino Médio e este imprescindível para os alunos conseguirem uma vaga em uma “boa faculdade”. Assim, na graduação, estamos nos preparando para o mercado de trabalho. Depois que começamos a trabalhar, o que fazemos? Com isso, vivemos pensando em um futuro que desejamos que aconteça e pensando em uma realidade que pode não coincidir com a das crianças, tornando o tempo delas um vir a ser que não pode ser antecipado nem previsto.

Enquanto a criança chega à escola com diversas ideias, brincadeiras e descobertas a serem feitas, o professor ou a professora já tem algo pronto e organizado, que pode não

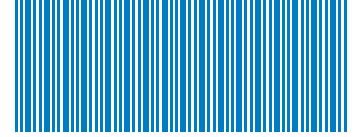


ter relação com os pensamentos e interesses da criança, desconsiderando-a enquanto sujeito. Decorrente desse cenário, observamos o predomínio da ideia de que a aprendizagem e desenvolvimento das crianças acontecem somente em interação com adultos e em sala de aula com atividades programadas, e na verdade acontecem em todas as instâncias da criança a partir da razão e da emoção. Além disso, observamos a supremacia do Ensino Fundamental e a Educação Infantil submetida às mesmas lógicas dessa etapa educacional. Pedagogizamos o brincar e os processos que a criança vivencia na escola de Educação Infantil para compormos ambientes estruturados de aprendizagem voltados para aquisição de competências a serem desenvolvidas. Não compreendemos e não admitimos que a brincadeira não pode ser uma mera atividade para a aquisição de habilidades, assimilação de códigos ou para a aprendizagem de papéis sociais, além de não ser apenas um momento para a socialização da criança e a sua integração a um grupo e à sociedade. Não devemos utilizar o brincar da criança como pressuposto para aprender a escrever e a ler, por exemplo. A brincadeira é a manifestação cultural infantil e tem um fim em si mesma.

Uma consequência dessa situação exposta acima é colocarmos a criança como um sujeito em falta, focando apenas naquilo que ela ainda não sabe: ainda não sabe comer sozinha, ainda não saber escrever, ainda não sabe ler. Com isso, não damos o devido valor à criança pelo o que ela é, pelos seus processos e pelas suas capacidades, bem como não respeitamos as infâncias e suas inúmeras possibilidades. Quando educamos as crianças para prepará-las para o futuro, além de ensinarmos a falta de tempo, estamos negando o seu presente, ou seja, educar para o futuro não faz sentido algum.

Assim como a sociedade atual, a educação tem apego ao Chrónos, por exemplo, com as infâncias divididas em fases de desenvolvimento, com hora para começar e acabar, e com as instituições escolares com turmas seriadas. A escola, frequentemente, tem seu tempo baseado no relógio, em vez de ter seu tempo baseado na entrega e no envolvimento das brincadeiras e das experiências das crianças. Assim, ela destrói qualquer oportunidade de preservar e engrandecer as infâncias, sabendo como demarcar diferentes tempos para cada atividade: há o tempo para brincar (momento de descontração) e há o tempo para estudar (momento sério), e estes não se misturam.

A escola, geralmente, apresenta-se preocupada com as rotinas, buscando manter regularidade, com a ordenação e padronização



do cotidiano e dos planejamentos, ou seja, conseguir realizar e terminar o que foi pensado e decidido pela equipe de docentes e gestores. Além disso, a escola, geralmente, apresenta-se preocupada em modelar as crianças, na ânsia de controlá-las de forma que estejam sempre atentas ao que estamos dizendo, com olhares bem fixos em nós. Estamos diante de uma concepção de organização escolar que se move, geralmente, pela ideia de tudo igual e ao mesmo tempo (HOYUELOS-PLANILLO, s/d). Se as rotinas das escolas são rígidas e não podem ter ajustes, elas se tornam homogeneizadoras e não abrem espaços para a criatividade, além de não condizerem com as realidades infantis. Se os professores e professoras só se baseiam e seguem o tempo institucional, os tempos dos alunos são desrespeitados. Agindo dessa forma, a escola, que seria um lugar de promover a autonomia das crianças, promove o adestramento, pois as atividades são engessadas, são mero cumprimento de obrigações e a rotina é uma sequência de procedimentos a serem obedecidos. Sendo assim, a escola forma crianças habilidosas em seguir regras e tem suas práticas pedagógicas cristalizadas e impositivas, quando deveriam ser democráticas e emancipatórias. Nessa instituição há o tempo do coletivo, mas não podemos desconsiderar os tempos individuais. A intenção não é a de que a escola não programe mais nenhuma de suas atividades nem que se pregue a lentidão, mas reiterar que essa instituição necessita ter clareza ao organizar suas atividades para serem realizadas em uma velocidade justa e respeitosa para todas as crianças,

Tendo em vista o contexto de uma Educação Infantil que acelera e antecipa, e de uma escola que apresenta uma rotina muitas vezes inflexível, verificamos o uso de apostilas para o trabalho com crianças dessa etapa escolar. As pesquisas de Correa e Adrião (2014) e Nascimento (2012) apontam para o aumento do uso desse material nas escolas de Educação Infantil (no município e no estado de São Paulo, respectivamente). Dentre os variados motivos para o uso de apostilas, podemos citar: pouca experiência, preparo e disposição dos professores, padronização dos conteúdos e continuidade destes ao longo dos anos escolares e acompanhamento da família em relação ao desempenho das crianças. Em seu estudo, de maneira geral, Nascimento (2012) constata a concepção de uma Educação Infantil que tem o objetivo de preparar para o Ensino Fundamental por meio do trabalho com a psicomotricidade, desenvolvimento de coordenação motora e formação de hábitos, bem como usando isso como suporte para elaboração de conceitos, competências e habilidades, “[...] repetindo os modelos preparatórios das décadas de 1970 e 1980” (p. 74).



A partir do exposto acima, podemos afirmar que as apostilas e o uso que estamos fazendo delas na Educação Infantil causam empobrecimento da função docente e das vivências que as crianças têm e precisam ter na escola, além de estimularem a adoção de rotinas inapropriadas para elas. Na Educação Infantil, não falamos de conteúdos, falamos de experiências; não falamos de áreas ou objetos do conhecimento, falamos de direitos de aprendizagens. Assim, a escola necessita promover experiências abertas e estimulantes com a intenção de criar e valorizar tempos e espaços para ações de investigação e de descoberta das crianças em uma organização flexível e autônoma.

Quanto tempo as crianças da Educação Infantil têm para viver dentro da escola? Onde estão a liberdade e a motivação delas? Como já questionado, o mundo muda cada vez mais rápido. Os tempos, as pessoas e as sociedades mudaram. E a escola?

A escola ocupa um lugar privilegiado na vida das pessoas, já que uma grande parcela da sociedade passa muitos anos dentro dela e, assim, ela produz memórias, experiências e marcas profundas, influenciando nas relações entre os sujeitos, como eles se veem e como veem os outros. Assim, a escola e seus profissionais devem buscar compreender quem são as crianças com quem eles trabalham e convivem, devem organizar-se e reorganizar-se diariamente e devem estar dispostos a mudar e melhorar o que essa instituição vem fazendo há anos. Diante disso, uma maior compreensão do tempo por parte da escola possibilita organizar o cotidiano dessa instituição a partir dos tempos das crianças e, com isso, estruturar tempos coletivos sem desconsiderar tempos individuais. Uma maior compreensão das infâncias por parte da escola possibilita avançar e fortalecer a ideia e a aceitação da criança na condição de criança, e não na expectativa e no planejamento de outra pessoa. Já escolarizamos as crianças o bastante, talvez possamos deixar de nos preocupar tanto em transformá-las em algo distinto do que são. As crianças não têm um ser definido, elas são e serão o que devem ser (KOHAN, 2004). Que possamos ter mais tempo de Aión e não somente de Chrónos. Que possamos ter escolas acolhedoras e transformadoras do que somos, do que pensamos e do que fazemos. Que possamos ter espaços abertos para os imprevistos, as descobertas, as novidades, as surpresas e para os encantamentos, e entender que isso faz parte de quem nós somos e de nossas vidas.

Para que possamos agir de forma diferente diante dos aspectos negativos e que não fazem bem para a educação e a vida das



crianças, já descritos ao longo do artigo, precisamos assumir e acolher as diferenças, reconhecendo que cada criança é única e, portanto, possui seu próprio tempo para experimentar, crescer e se desenvolver. Apressá-la e estimulá-la em excesso são condutas desnecessárias e agressivas.

Para agirmos de forma diferente, Rinaldi (2016) aborda a importância do ato de escutar e o coloca no cerne da educação, afirmando que isso não é apenas algo para a escola, mas também uma atitude para a vida. Escutar com pleno interesse, atenção, seriedade e sem interrupções. Escutar é ter sensibilidade, curiosidade e interesse, é interpretar e compreender, além de ser um aspecto crucial para estabelecermos relações humanas e afetivas. Relações que atualmente estão flexíveis e vulneráveis, e menos profundas e duradouras. Escutar demanda reconhecimento e disponibilidade para com o outro, sem condenações ou defesas, sem impor ideias ou opiniões. É legitimar o outro e a sua voz. A escuta demanda tempo, mas um tempo que não é ligado ao *Chrónos*, assim como afirma Rinaldi (2016): “Quando você realmente escuta, você entra no tempo do diálogo e da reflexão interna, um tempo interior que é composto do presente, mas também do passado e do futuro, e, portanto, está fora do tempo cronológico. É um tempo cheio de silêncios” (p. 236). Assim, para que isso aconteça nas escolas, é necessário que os professores abram espaço para escutar a si mesmos e para ceder tempo a si mesmos.

Além da escuta, a observação das crianças por parte dos professores é um aspecto muito importante dentro das escolas. Observar as crianças atentamente para entender que elas não se comunicam somente pela fala, mas principalmente pelo corpo, pelos gestos e pelos olhares, além de suas ações, expressões e emoções. Observar exige cuidado, respeito, responsabilidade e estudo, ademais, observar é indispensável para que possamos compreender as crianças e suas infinitas possibilidades.

Outro aspecto essencial no trabalho docente é a reflexão. É importante que os professores tenham momentos para refletir sobre práticas e ações cotidianas, sobre relações com as crianças, e sobre processos de desenvolvimento e aprendizagem, tanto individual quanto em grupo. Momentos para que possam avaliar e reavaliar. Refletir é descrever, reconhecer, acolher e fazer perguntas, é construir caminhos e acompanhar trajetórias, é planejar e replanejar quantas vezes forem necessárias. A reflexão é fundamental para que possamos legitimar e valorizar as diversas infâncias.



As escolas de Educação Infantil são lugares privilegiados para educar e formar crianças nas suas infinitas possibilidades, para proporcionar experiências significativas, para oportunizar descobertas e deslumbramentos, e para permitir o inesperado, o imprevisível e o não antecipado. Sendo assim, que sejamos capazes de encontrar uma nova forma de pensar as crianças e seus tempos, as infâncias e as escolas.

Considerações finais

Em nossas sociedades modernas e capitalistas, as organizações de nossas vidas são pautadas em dois tempos: físico e simbólico. O tempo físico é representado pelo relógio e pelo calendário. O tempo simbólico são todos os significados e mensagens que uma sociedade carrega e compartilha a respeito deste, ou seja, no atual caso, um tempo apressado e atropelado com prazos e pressões. Com isso, somos constantemente afetados, de diversas maneiras, nos âmbitos biológico, social e cultural, pois nos é exigido um poder de nos adequar aos novos ritmos que nos são impostos todos os dias. Dessa forma, temos um modo de vida indissociável do tempo, não imaginamos vida possível sem ele. A compressão do tempo e a sua aceleração alucinante faz com que vivamos em um mundo de incertezas, gerando medos e ansiedades, e mudando nossas relações humanas, bem como nossa relação com os conhecimentos e informações. Conseqüentemente, observamos o imediatismo de nossas ações, desprovidas e esvaziadas de sentidos, produzindo experiências cada vez mais pobres.

Em oposição a essa nossa situação que vivemos atualmente, é irrefutável que a criança se encontra em um tempo diferente do tempo adulto, cronológico, linear, controlado e finito. O seu tempo é cíclico, intenso e imensurável, bem como é singular, ou seja, cada criança possui um tempo e lida de maneiras distintas com este.

No que concerne à educação, o seu contexto formal é composto atualmente em nosso país por uma maioria de instituições escolares que, muitas vezes, separam o corpo e a mente, o saber do mundo de cada criança e o saber construído na escola, a prática pedagógica e a experiência de vida. Vivemos em uma sociedade que dificilmente enxerga as crianças como seres com necessidades e vontades, sujeitos transformadores e produtores de cultura. Assim, a infância ainda é vista, muitas vezes, como uma fase de espera para a vida adulta, para o que realmente importa, sendo



desvalorizada e desconsiderada em diversos setores sociais. Com isso, o discurso da criança com diversas possibilidades e potencialidades, e como sujeito histórico e de direitos, permanece muito em nossa fala, mas na nossa prática geralmente pouco aparece, pois acreditamos que sabemos o que a criança sabe, sente, quer e precisa. A colonização do pensamento adulto ainda é muito presente.

Avançamos na concepção de infância, mas que possamos reconhecer que temos muitos desafios para superar ainda, inclusive em relação à Educação Infantil. Um deles é fazer uma real aproximação do trabalho pedagógico a partir da perspectiva infantil, tendo o cuidado de entender quem é cada criança, observando-a em suas diferenças, seus interesses, seus direcionamentos e suas lógicas de raciocínio.

Os professores e professoras estão realmente presentes na vida das crianças? Eles permitem tempo às crianças para elas comerem, brincarem e organizarem o espaço, bem como para investigarem, descobrirem e criarem? Para que os professores e professoras possam conceder um tempo justo e respeitoso para todas as crianças é importante que saibam observá-las atentamente e escutá-las plenamente, para que assim possam se afastar e entendê-las, no silêncio. A paciência pode educar muito mais do que os inúmeros discursos. Consequentemente, é possível acolhê-las e ensiná-las a ter empatia, e é possível cuidar e valorizar as infâncias. Contudo, os docentes também precisam ser ensinados a ter disponibilidade, a reconhecer e a alimentar o tempo das crianças, mas, principalmente, é preciso que saibam conceder tempo a si mesmos. Com isso, o tempo de silêncio, de observação, de escuta e de reflexão pode estar presente na escola e na Educação Infantil, para as crianças e para os professores.

No decorrer do artigo, foi possível evidenciar a importância e o dever de partir da concepção do que a criança já é, no tempo e no espaço, não do que ela virá a ser, bem como da concepção de criança potente, capaz e produtora de cultura. Se os professores compreenderem esse tempo da criança e o considerarem como foco do trabalho e centro do projeto educativo, eles podem alimentar e enriquecer suas experiências, bem como podem planejar e propor-lhes contextos ricos e acompanhar o processo de construção do conhecimento de cada uma. Por isso, o conhecimento das três dimensões do tempo, Chrónos, Kairós e Aión, aqui apresentadas, bem como a reflexão do tempo e seus encadeamentos em nossas vidas atualmente, se tornam importantes para a formação e prática docentes. Assim, com



essa maior compreensão é possível mudar nossas práticas e perceber que não é necessário inovar, mas sim reconhecer o tempo das crianças e suas suspensões e eternidades, e reconhecer que a pressa, a antecipação e a estimulação em excesso são desnecessárias e não fazem sentido para as crianças. Enquanto não fizermos isso, estaremos agindo, ensinando e repetindo as mesmas coisas às quais já estamos acostumados. É preciso pensar diferente para escolher outros caminhos e para agir de outra forma.

Que a escola possa ter disponibilidade de pesquisar e compreender um pouco mais da criança e da infância e, desta forma, investir mais no tempo Aíón. Que a escola possa motivar a criança a ser protagonista de seus processos de desenvolvimento e aprendizagens. Que a escola possa oferecer oportunidades para a criança buscar suas próprias soluções para seus problemas e conflitos diários, ou respostas para suas teorias provisórias do mundo, sem que tenha um adulto apressado para resolver tudo para ela. Que a escola permita que a criança seja criança, permita suas brincadeiras e experiências, permita que ela seja ativa e participativa, permita que ela viva intensamente suas descobertas, permita que ela signifique e ressignifique o mundo à sua volta. Sem pressa, sem pressão e sem data para entrega. A educação tem um guia, e este são as crianças.

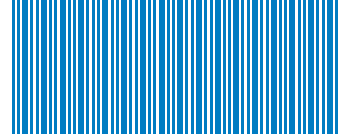
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CORREA, B.; ADRIÃO, T. O material apostilado utilizado em pré-escolas municipais paulistas: análise de dois casos. *RBPAE*, v. 30, n. 2, pp. 379-396, mai./ago. 2014.

ELIAS, N.. *Sobre o tempo*. Editado por: Michael Schröter. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

HOYUELOS-PLANILLO, A. *Los tiempos de la infancia*. Disponível em: http://ice2.uab.cat/jor_infantil_VIII/materials/conf2.pdf. Acesso em: 3 nov. 2017.



KOHAN, W.O. (Org.). *Lugares da infância: filosofia*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LARROSA-BONDÍA. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, n° 19, jan./fev./mar./abr. 2002.

NASCIMENTO, M.L.B.P.. As políticas públicas de Educação Infantil e a utilização de sistemas apostilados no cotidiano de creches e pré-escolas públicas. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n° 49, jan./abr. 2012.

NÍDIO, A.. O tempo das crianças e as crianças deste tempo. In: ARAÚJO, E.; DUQUE, E. (Orgs.). *Os tempos sociais e o mundo contemporâneo: um debate para as ciências sociais e humanas*. Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em Ciências Sociais, Braga, Portugal, 2012.

RINALDI, C.. A pedagogia da escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.). *As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação*. Tradução: Marcelo de Abreu Almeida. Porto Alegre: Penso, 2016.

TEMPO. In: Instituto Antônio. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 4ª ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

Recebido: 09/03/2018

Revisto: 16/04/2018

Aceito: 09/05/18

